REVISTA ESPAÇO

n. 65

período jul-dez

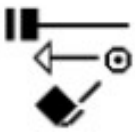
ano 2026

INFÂNCIA SURDA E PROTAGONISMO EM ESPAÇOS BILÍNGUES: EXPERIÊNCIAS EM UM CENTRO DE ATENDIMENTO AO SURDO

Deaf childhood and protagonism in bilingual spaces: experiences in a deaf educational center



Giany Paiva Pedrosa[1]





Maria Roberta de Alencar Oliveira[2]



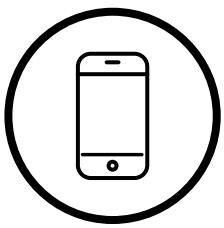
[1] Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Mossoró, RN, Brasil; Centro Estadual de Capacitação de Educadores e Atendimento ao Surdo – CAS, Mossoró, RN, Brasil; Capes; gianypedrosa@uern.br

[2] Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, Pau dos Ferros, RN, Brasil; mariaroberta@uern.br

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.221-230
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

RESUMO
Este artigo analisa as experiências de crianças surdas em um Centro de Atendimento ao Surdo (CAS), compreendido como espaço bilíngue de circulação da Libras e de produção cultural e identitária. Ancorado em abordagem qualitativa, o estudo utiliza a observação participante e registros em diário de campo para examinar interações linguísticas, relações entre pares e manifestações de protagonismo infantil. A análise fundamenta-se em contribuições dos estudos sobre infância surda, linguagem e história cultural dos surdos, permitindo compreender a criança surda como sujeito de linguagem e agência social. Os resultados indicam que o CAS favorece a autonomia comunicativa, o fortalecimento identitário e a participação ativa das crianças, configurando-se como território de resistência ao ouvintismo. Conclui-se que espaços bilíngues dessa natureza desempenham papel central no desenvolvimento integral da infância surda.
Palavras-chave: Infância surda; Libras; Protagonismo infantil; Educação bilíngue; Identidade surda

ABSTRACT
This article analyzes the experiences of deaf children in a Deaf Educational Center (CAS), understood as a bilingual space for the circulation of Brazilian Sign Language (Libras) and for cultural and identity production. Anchored in a qualitative approach, the study employs participant observation and field notes to examine linguistic interactions, peer relationships, and manifestations of child protagonism. The analysis is grounded in studies on deaf childhood, language and the cultural history of deaf people, allowing deaf children to be understood as subjects of language and social agency. The findings indicate that the CAS promotes communicative autonomy, identity strengthening, and active participation, configuring itself as a territory of resistance to audism. It is concluded that bilingual spaces of this nature play a central role in the integral development of deaf childhood.
Keywords: Deaf childhood; Brazilian Sign Language; Child protagonism; Bilingual education; Deaf identity



LEIA EM LIBRAS ACESSANDO O QR CODE AO LADO OU O LINK
https://youtu.be/8EjM3bNKKAQ?si=YFCa59Xk8j-FPo6UB

INTRODUÇÃO

A infância surda tem sido historicamente marcada por abordagens educacionais que priorizam a deficiência em detrimento das experiências linguísticas, culturais e sociais das crianças. Em muitos contextos, a ausência de uma língua plenamente acessível compromete não apenas a comunicação, mas também as possibilidades de participação, interação e construção de sentidos no cotidiano. Nesse cenário, discutir a infância surda implica deslocar o olhar do déficit para as condições concretas em que as crianças vivem, aprendem e se relacionam.

Os Estudos Surdos e a sociologia da infância contribuem para essa mudança de perspectiva ao reconhecerem as crianças surdas como sujeitos sociais, produtores de cultura e participantes ativos dos espaços que frequentam. Sob essa ótica, a língua de sinais assume papel central, não apenas como meio de comunicação, mas como elemento estruturante das relações sociais e das experiências vividas pelas crianças. A Libras, quando reconhecida e utilizada como língua de circulação cotidiana, amplia as possibilidades de participação e favorece formas mais simétricas de interação.

No contexto brasileiro, os Centros de Atendimento ao Surdo (CAS) configuram-se como espaços educativos não escolares que têm desempenhado papel relevante na oferta de experiências bilíngues para crianças surdas. Esses espaços, ao priorizarem o uso da Libras e a convivência entre pares, possibilitam vivências que nem sempre são garantidas na escola

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.221-230
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

regular. Apesar de sua importância, ainda são escassos os estudos que investigam de forma sistemática como as crianças surdas experienciam esses contextos e quais sentidos atribuem às práticas vividas nesses espaços.

Diante disso, este artigo tem como objetivo analisar as experiências da infância surda em um Centro de Atendimento ao Surdo, com foco nas interações estabelecidas, no uso da Libras e nas manifestações de protagonismo infantil observadas no cotidiano do espaço. A pesquisa busca compreender de que maneira o CAS se constitui como um ambiente que favorece a participação das crianças surdas, considerando suas especificidades linguísticas e culturais.

O estudo baseia-se em dados produzidos no âmbito de uma dissertação de mestrado, a partir de uma investigação qualitativa realizada em um CAS localizado no município de Mossoró/RN. Ao discutir as experiências observadas, o artigo pretende contribuir para o debate sobre espaços educativos bilíngues e para a ampliação das reflexões acerca da infância surda para além dos limites da escolarização formal.

DESENVOLVIMENTO

Fundamentação teórica

As análises desenvolvidas neste artigo dialogam com diferentes campos teóricos que sustentam a compreensão da infância surda como experiência linguística, cultural e socialmente situada. Nesse sentido, o estudo articula contribuições dos Estudos Surdos, que compreendem a surdez como diferença linguística e cultural (Skliar, 1998; 2013), com aportes da sociologia da infância, que reconhece as crianças como sujeitos sociais ativos e produtores de cultura (Sarmento, 2005). Além dos estudos sobre desenvolvimento e história cultural dos surdos, mobilizam-se contribuições da linguística da Libras e da análise qualitativa, fundamentais para a interpretação dos dados empíricos.

Infância surda, linguagem e constituição do sujeito

A compreensão da infância surda exige o deslocamento de concepções centradas no déficit auditivo para abordagens que considerem a surdez como diferença linguística e cultural, tal como defendido nos Estudos Surdos. Nessa perspectiva, a língua de sinais constitui-se como língua natural das comunidades surdas, organizando práticas sociais, culturais e educativas (Quadros; Karnopp, 2004). A partir desse entendimento, torna-se possível analisar o desenvolvimento infantil surdo para além de parâmetros ouvintistas.

Goldfeld (2002) argumenta que o desenvolvimento cognitivo, social e emocional da criança surda está diretamente relacionado às oportunidades de interações linguísticas significativas às quais ela tem acesso, e não à ausência da audição em si. A língua de sinais, nesse contexto, assume papel central como mediadora simbólica e como instrumento de organização do pensamento.

Quando inserida precocemente em ambientes nos quais a Libras circula de forma natural, a criança surda desenvolve competências linguísticas e cognitivas compatíveis às de crianças ouvintes, respeitadas as especificidades de uma experiência visual de mundo. Assim, atrasos frequentemente atribuídos à surdez decorrem, em grande medida, de situações de privação linguística, resultantes da negação ou do adiamento do acesso à língua de sinais.

Essa perspectiva permite compreender a infância surda como um período de intensa produção de sentidos, no qual as crianças constroem conhecimentos, relações sociais e formas próprias de participação. Reconhecer a criança surda como sujeito de linguagem implica, portanto, assegurar-lhe contextos acessíveis que favoreçam a interação, a expressão e o protagonismo.

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.221-230
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

História cultural dos surdos e crítica ao ouvintismo

A análise das experiências contemporâneas da infância surda demanda uma compreensão histórica dos processos que moldaram a educação e a representação social das pessoas surdas. Strobel (2009) destaca que a história da educação de surdos foi majoritariamente construída sob uma perspectiva ouvintista, que desconsidera as narrativas, práticas e saberes produzidos pelas próprias comunidades surdas. Tal abordagem contribuiu para a marginalização das línguas de sinais e para a negação da surdez enquanto diferença cultural.

Ao propor uma história cultural dos surdos, Strobel (2009) defende o reconhecimento das comunidades surdas como espaços legítimos de produção de cultura, identidade e pertencimento. Nessa perspectiva, a língua de sinais não é compreendida apenas como recurso pedagógico, mas como elemento constitutivo de uma experiência cultural específica.

Essa abordagem histórica é fundamental para a análise de espaços institucionais voltados às pessoas surdas, como os Centros de Atendimento ao Surdo. Tais espaços se alinham às discussões sobre educação bilíngue para surdos no contexto brasileiro, que defendem a Libras como língua de instrução e interação e reconhecem a centralidade de ambientes linguisticamente acessíveis para o desenvolvimento e a escolarização das crianças surdas (Lodi, 2013; Quadros, 2019). Esses espaços podem ser entendidos como territórios de resistência ao ouvintismo, nos quais se fortalecem a circulação da Libras, a convivência entre pares e a construção de identidades surdas desde a infância.

As contribuições de Goldfeld (2002) e Strobel (2009) permitem compreender a infância surda como uma categoria analítica atravessada pela linguagem, pela cultura e pela história. No presente estudo, tais referenciais orientam a análise das experiências das crianças no CAS a partir de três eixos: (a) a circulação linguística em Libras como condição para o desenvolvimento e a participação social; (b) as interações entre pares como espaço de construção identitária; e (c) o protagonismo infantil como expressão de agência e produção cultural.

Metodologia

A presente pesquisa adota abordagem qualitativa, de caráter descritivo, por compreender que as experiências da infância surda e suas formas de participação social são produzidas nas interações cotidianas e nos contextos em que as crianças estão inseridas. Tal abordagem permite analisar práticas, sentidos e relações construídas no espaço investigado, sem reduzi-las a categorias previamente fechadas.

O estudo foi realizado em um Centro de Atendimento ao Surdo (CAS), situado no município de Mossoró/RN. O CAS configura-se como um espaço educativo não escolar, no qual a Libras é a principal língua de comunicação e onde são desenvolvidas atividades pedagógicas, culturais e lúdicas com crianças surdas. O local foi escolhido por constituir um ambiente de convivência entre pares surdos e de uso cotidiano da língua de sinais, o que favorece a observação de interações espontâneas e formas de participação infantil.

Participantes

Participaram da pesquisa onze crianças surdas com idades entre 6 e 12 anos, regularmente matriculadas e frequentadoras do CAS no período de realização do estudo. As crianças apresentavam trajetórias educacionais distintas e diferentes níveis de fluência em Libras. O foco da investigação não esteve nas características individuais, mas nas dinâmicas coletivas e nas experiências compartilhadas no cotidiano do espaço.

Produção de dados

A produção de dados ocorreu por meio de observação participante, realizada durante as atividades desenvolvidas no CAS, incluindo momentos pedagógicos, situações lúdicas e

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.221-230
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

interações informais entre as crianças, entre os meses de junho e outubro de 2025. Essa estratégia permitiu acompanhar, em contexto natural, as formas de comunicação em Libras, as interações entre pares e as situações em que as crianças assumiam posições de iniciativa e participação ativa.

As observações foram registradas em diário de campo, no qual se descreveram os episódios observados, as interações estabelecidas e as situações consideradas relevantes para os objetivos da pesquisa. Os registros buscaram contemplar tanto os acontecimentos quanto as interpretações da pesquisadora, sempre ancoradas no contexto observado. Todas as atividades de observação e registro ocorreram mediante autorização institucional e consentimento formal dos responsáveis pelas crianças participantes.

Papel da pesquisadora

Uma das pesquisadoras atua na área da educação de surdos e possui experiência prévia com o contexto investigado e com o uso da Libras. Essa condição possibilitou maior compreensão das interações e práticas observadas, especialmente no que se refere às dinâmicas linguísticas. Ao longo do trabalho de campo, adotou-se postura reflexiva, reconhecendo a influência da presença da pesquisadora no contexto e buscando manter atenção constante aos limites e possibilidades dessa implicação.

Análise dos dados

Os dados produzidos foram analisados por meio da análise de conteúdo, conforme proposta por Bardin (2011). Inicialmente, realizou-se leitura integral dos registros de campo, com o objetivo de identificar recorrências e situações significativas. Em seguida, os dados foram organizados em unidades de registro, agrupadas em categorias de análise.

As categorias foram construídas a partir do diálogo entre os dados empíricos, os objetivos da pesquisa e o referencial teórico adotado. Destacam-se, nesse processo, aspectos relacionados ao uso da Libras no cotidiano do CAS, às interações entre crianças surdas e às manifestações de protagonismo infantil observadas nas atividades e relações estabelecidas no espaço.

Aspectos Éticos

A pesquisa foi desenvolvida em conformidade com os princípios éticos aplicáveis às pesquisas em Ciências Humanas e Sociais envolvendo seres humanos, especialmente aqueles previstos na Resolução CNS nº 510/2016. Foram assegurados o anonimato dos participantes, a confidencialidade das informações e o uso dos dados exclusivamente para fins acadêmicos.[1]

Os responsáveis legais pelas crianças participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), enquanto as crianças participaram mediante apresentação do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), com mediação em Libras sempre que necessário.

Resultados e discussão

Com base nos dados produzidos por meio da observação participante e dos registros em diário de campo, a análise a seguir apresenta os principais achados da pesquisa. A análise dos dados produzidos evidencia que o Centro de Atendimento ao Surdo constitui um espaço no qual a infância surda encontra condições favoráveis para o uso da Libras, para a convivência entre pares e para a construção de formas próprias de participação. As situações observadas revelam que, diferentemente de contextos marcados pela predominância da língua oral, o CAS

[1] Pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética de Pesquisa da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), sob parecer nº 7.399.090/2025.

Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

possibilita às crianças experiências linguísticas mais simétricas, nas quais a comunicação não depende de adaptações constantes.

A Libras como língua de circulação cotidiana

Um dos aspectos mais recorrentes nos registros de campo refere-se à presença da Libras como língua de circulação cotidiana no CAS. Durante as atividades pedagógicas e nos momentos informais, as crianças utilizavam a língua de sinais de forma espontânea, sem a necessidade de mediação contínua por adultos. Essa circulação linguística favorecia interações rápidas, negociações entre pares e a resolução de conflitos sem interrupções constantes.

Observou-se que, nos momentos de brincadeira, as crianças organizavam regras, combinavam turnos e expressavam insatisfações por meio da Libras, utilizando recursos visuais e corporais próprios da língua. Esse uso cotidiano contribui para o fortalecimento da competência linguística e para a ampliação das possibilidades de expressão, aspecto fundamental para o desenvolvimento cognitivo e social da criança surda, conforme discutido por Goldfeld (2002).

Esses dados reforçam a compreensão de que a Libras, quando utilizada como língua principal de interação, não apenas viabiliza a comunicação, mas estrutura as relações sociais e as formas de participação infantil. O CAS, nesse sentido, atua como um espaço em que a língua de sinais deixa de ocupar lugar secundário e passa a organizar o cotidiano das crianças.

Interações entre pares surdos

Outro resultado significativo diz respeito às interações estabelecidas entre as crianças surdas. A convivência com pares que compartilham a mesma língua e experiências semelhantes possibilitou a construção de vínculos baseados no reconhecimento mútuo. Nos registros de campo, foram frequentes situações em que crianças mais experientes em Libras apoiavam aquelas com menor fluência, auxiliando na compreensão de sinais ou na formulação de enunciados.

Um episódio observado no campo refere-se às formas de protagonismo ativo manifestadas pelas crianças durante atividades de leitura e discussão coletiva. Foi apresentado um livro infantil cujo protagonista era surdo, e as crianças, em sala de aula, demonstraram envolvimento com a narrativa apresentada, embora não tenham associado explicitamente o enredo às suas próprias trajetórias. A avaliação positiva da história indica que o engajamento das crianças com a narrativa não depende, necessariamente, da identificação direta com sua autoria. O interesse demonstrado sugere que as crianças reconhecem e valorizam histórias que abordam ações coletivas, desafios e superação, elementos recorrentes em suas próprias experiências no CAS.

Nesse contexto, destacou-se a atuação de uma aluna de 7 anos que, em diferentes situações, assumiu postura ativa de debate e argumentação em Libras. Conforme registro, a criança discutia e buscava convencer colegas, professores e funcionários sobre seu ponto de vista, recusando explicações incompletas ou respostas consideradas insuficientes. Essa postura evidencia uma relação crítica com o contexto comunicacional, na qual a criança não se limita a receber informações, mas questiona, argumenta e exige clareza nas interações.

A atuação desta aluna revela um nível mais avançado de protagonismo infantil, no qual a comunicação em Libras se articula ao posicionamento crítico. Ao recusar respostas incompletas, a criança rompe com formas de participação passiva e afirma seu direito à compreensão plena e à expressão de suas ideias. Esse comportamento dialoga com a noção de conscientização crítica discutida por Freire (2004), ao evidenciar que a participação infantil pode assumir caráter político quando as crianças se posicionam frente às condições que limitam ou ampliam sua participação.

O episódio demonstra que o CAS oferece condições para que as crianças surdas desen-

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.221-230
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

volvam não apenas habilidades linguísticas, mas também formas de engajamento crítico nas relações estabelecidas. A convivência em um espaço onde a Libras é reconhecida como língua de circulação favorece a emergência de posicionamentos mais ativos, nos quais as crianças exercem o direito de argumentar, discordar e negociar sentidos no cotidiano institucional.

Essas interações não se configuraram como relações hierárquicas rígidas, mas como trocas contínuas, nas quais os papéis de quem ensina e de quem aprende se alternavam conforme a situação. Tal dinâmica contribui para a construção de pertencimento e para o fortalecimento da identidade surda, conforme apontado por Strobel (2009), ao destacar a importância dos espaços de convivência entre pares para a formação cultural.

Além disso, a interação entre crianças surdas mostrou-se fundamental para a construção de referências positivas sobre a surdez. Em um ambiente no qual a diferença não é marcada como déficit, as crianças demonstraram maior iniciativa nas atividades e maior segurança para se expressar, aspecto observado tanto nos momentos dirigidos quanto nas interações espontâneas.

Protagonismo infantil no cotidiano do CAS

Embora o protagonismo infantil se manifeste também nas interações entre pares, nesta subseção o foco recai sobre situações em que as crianças assumem iniciativas que extrapolam o grupo imediato, envolvendo mediação, tomada de decisões e negociação com adultos.

As manifestações de protagonismo infantil foram observadas em diferentes situações do cotidiano do CAS. As crianças assumiam iniciativas na organização das atividades, sugeriam mudanças nas propostas e, em alguns casos, conduziam brincadeiras coletivas. Esse protagonismo não se limitava à execução de tarefas, mas envolvia a tomada de decisões e a negociação com os colegas e com os adultos presentes.

Durante um evento junino realizado no CAS, foi observado um episódio que evidencia formas de engajamento crítico e protagonismo infantil no cotidiano institucional. Na ocasião, uma criança surda participante das atividades, assumiu espontaneamente uma postura mediadora diante da presença de uma criança ouvinte que chorava e demonstrava dificuldade de inserção no ambiente. Conforme registro no diário de campo, a menina surda acolheu a criança ouvinte, acalmou-a e a convidou para brincar, ensinando-lhe sinais básicos em Libras como forma de incluí-la na atividade.

A atuação da menina surda não se limitou a um gesto de cuidado pontual, mas envolveu a mobilização de recursos linguísticos e sociais para promover a participação da criança ouvinte no grupo. Ao ensinar sinais e convidar para a brincadeira, a criança surda assumiu um papel ativo na mediação das interações, contribuindo para a construção de um espaço comunicativo compartilhado. Esse comportamento dialoga com o que Friedmann (2020) descreve como a capacidade das crianças de assumirem funções tradicionalmente atribuídas aos adultos, especialmente em contextos nos quais lhes são garantidas condições de participação.

A atuação desta criança surda como mediadora intercultural evidencia, ainda, que o CAS se configura como um espaço que prepara as crianças surdas para interações que extrapolam os limites da instituição. Ao interagir com uma criança ouvinte, utilizando a Libras como recurso de inclusão e não como barreira, a menina surda demonstra que as experiências vividas no CAS contribuem para o desenvolvimento de competências sociais e linguísticas que permitem às crianças transitar entre diferentes contextos, assumindo papéis ativos na mediação das relações.

Em determinadas situações, as crianças propunham novas formas de realizar atividades previamente planejadas, ajustando-as às suas preferências e interesses. Tais episódios indicam que o CAS se configura como um espaço no qual as crianças não ocupam apenas o lugar de receptoras de propostas, mas participam ativamente da construção do cotidiano.

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.221-230
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

Esse dado dialoga com a sociologia da infância, ao reconhecer as crianças como sujeitos sociais competentes, capazes de produzir cultura e de intervir no meio em que vivem (Sarmento, 2005). No caso da infância surda, esse protagonismo é fortemente mediado pela possibilidade de uso pleno da língua de sinais, o que amplia as condições de participação.

O CAS como espaço educativo não escolar

Os resultados também indicam que o CAS desempenha papel relevante como espaço educativo não escolar, complementando as experiências vividas pelas crianças em outros contextos. Ao oferecer um ambiente bilíngue, o centro contribui para a ampliação das experiências linguísticas e culturais das crianças surdas, especialmente daquelas que não encontram, na escola regular, condições semelhantes de acesso à Libras.

Nesse espaço, a aprendizagem não se restringe a conteúdos formais, mas envolve a construção de valores, formas de convivência e modos de ser surdo. A observação do cotidiano revela que o CAS possibilita às crianças experiências que ultrapassam o ensino sistematizado, favorecendo processos de socialização e de fortalecimento identitário.

Outro episódio relevante se refere ao modo como um garoto surdo expressa sua relação com a Libras e com as experiências vividas antes e depois do acesso à língua de sinais. A criança contrastou situações anteriores de sofrimento, afirmando que "chorava quando não entendia as pessoas", com sua experiência atual no CAS, marcada pela compreensão e pela participação, sintetizada na afirmação de que "agora entende tudo".

Esse contraste evidencia a centralidade do acesso à Libras para a experiência subjetiva da criança. A possibilidade de compreender e ser compreendida aparece associada a sentimentos de segurança e pertencimento, indicando que a língua de sinais desempenha papel fundamental na organização das relações e na vivência cotidiana. Tal constatação dialoga com as discussões de Strobel (2009), ao apontar a língua como elemento estruturante do bem-estar e da inclusão social de pessoas surdas.

Em outro momento, este mesmo garoto afirmou explicitamente sua preferência linguística por sinalizar, apesar de ter implante coclear. O registro observacional confirmou essa escolha, evidenciando o uso constante e fluente da Libras em todas as interações no CAS, bem como a recusa em participar de atividades que envolviam estímulos sonoros intensos. Essa recusa não se apresentou como resistência isolada, mas como posicionamento consciente diante das condições sensoriais oferecidas.

Sua preferência pela Libras em detrimento do Português, mesmo sendo usuário de implante coclear, revela um processo de autodeterminação linguística, no qual a criança afirma sua forma de comunicação e estabelece limites frente a propostas que não atendem às suas necessidades. Esse posicionamento desafia perspectivas que compreendem a surdez prioritariamente sob uma ótica clínica e reforça a compreensão da Libras como língua de escolha e de pertencimento cultural.

O episódio evidencia que o CAS se constitui como um espaço no qual as crianças podem expressar suas preferências linguísticas sem coerção, fortalecendo a autonomia e o direito à participação. Ao reconhecer e legitimar essas escolhas, o ambiente contribui para experiências mais positivas de interação e para a construção de trajetórias marcadas pela agência infantil.

Esses achados dialogam com Skliar (1998), ao apontar a importância de espaços que reconheçam a surdez como diferença e não como falta, e com Quadros e Karnopp (2004), ao enfatizarem o papel da língua de sinais na constituição dos sujeitos surdos.

Articulação entre resultados empíricos e referencial teórico

A análise dos dados permite afirmar que os resultados empíricos observados no CAS con-

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.221-230
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

firmam a relevância de espaços bilíngues para a infância surda. A circulação da Libras, as interações entre pares e as manifestações de protagonismo infantil evidenciam que a participação das crianças é diretamente influenciada pelas condições linguísticas oferecidas no contexto.

Os episódios analisados evidenciam que o protagonismo infantil no CAS se manifesta de forma articulada em diferentes níveis. No plano relacional, observa-se a capacidade das crianças de mediar interações e promover a inclusão de outros sujeitos no grupo, como no caso da mediação intercultural realizada no momento da atividade junina. No plano político, o protagonismo se expressa por meio do posicionamento crítico e da argumentação em Libras, exemplificados pelas atitudes da criança ao questionar explicações incompletas e buscar convencer interlocutores sobre seu ponto de vista. No plano identitário e linguístico, a autodeterminação do menino ao afirmar sua preferência pela Libras evidencia que a participação infantil envolve também a afirmação de escolhas e limites diante das condições oferecidas. Esses níveis não se apresentam de forma isolada, mas se interrelacionam no cotidiano do CAS, compondo experiências de participação mais amplas e significativas.

A análise integrada dos episódios dialoga diretamente com os Estudos Surdos e com a sociologia da infância ao reafirmar a criança surda como sujeito social, linguístico e cultural. Os dados empíricos sustentam a compreensão de que o protagonismo infantil não é um atributo individual, mas um processo construído nas relações e condicionado pelas possibilidades de acesso à língua. Ao evidenciar a centralidade da Libras na organização das interações e na emergência de posicionamentos críticos, o estudo contribui para tensionar perspectivas que tratam a infância surda sob uma ótica predominantemente clínica ou compensatória. Nesse sentido, o artigo acrescenta ao debate ao mostrar como a garantia de uma língua de circulação cotidiana possibilita formas de participação que desafiam práticas ouvintistas ainda presentes em muitos contextos educacionais.

Do ponto de vista educacional, os resultados reforçam a relevância do CAS como espaço educativo não escolar que amplia as experiências linguísticas e sociais das crianças surdas. Ao favorecer o uso da Libras e a convivência entre pares, o centro contribui para práticas que nem sempre são viabilizadas na escola regular, especialmente no que se refere à participação autônoma e à construção de pertencimento. As experiências observadas indicam que espaços como o CAS podem atuar de forma complementar aos contextos escolares, oferecendo condições para o desenvolvimento de iniciativas, posicionamentos críticos e escolhas linguísticas informadas. Assim, o estudo aponta para a importância de reconhecer e fortalecer esses espaços no debate sobre educação bilíngue e políticas voltadas à infância surda.

Além disso, a análise das experiências vividas no CAS permite compreender o protagonismo infantil da criança surda como um processo situado, que emerge da articulação entre condições linguísticas acessíveis, relações sociais horizontais e reconhecimento cultural. Diferentemente de abordagens que atribuem o protagonismo a características individuais ou à iniciativa isolada da criança, os dados evidenciam que a agência infantil se constrói no interior de práticas coletivas mediadas pela Libras. Nesse sentido, o protagonismo observado não pode ser dissociado da existência de um ambiente no qual a língua de sinais circula de forma legítima e contínua, possibilitando às crianças negociar sentidos, expressar discordâncias, exercer escolhas e intervir no cotidiano institucional. Tal compreensão reforça a necessidade de deslocar o debate sobre participação infantil surda para além da noção de inclusão formal, enfatizando a centralidade das condições linguísticas e culturais na constituição de sujeitos capazes de agir, posicionar-se e produzir cultura desde a infância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise das experiências vividas pelas crianças surdas no Centro de Atendimento ao

Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons

Surdo evidencia que o CAS se configura como um espaço relevante para a construção de formas de participação mais efetivas, mediadas pelo uso da Libras e pela convivência entre pares. Os resultados indicam que a presença de uma língua comum, compartilhada no cotidiano, amplia as possibilidades de interação e favorece a emergência de iniciativas e decisões por parte das próprias crianças.

As situações observadas demonstram que, em um ambiente no qual a comunicação não constitui uma barreira permanente, as crianças surdas assumem posições mais ativas nas atividades, organizam brincadeiras, negociam regras e constroem vínculos. Esse protagonismo infantil não se apresenta como algo espontâneo ou individual, mas como resultado das condições linguísticas e sociais oferecidas pelo contexto. O CAS, ao garantir a circulação da Libras, cria condições para que as crianças participem de forma mais autônoma e significativa.

Os dados também reforçam a importância das interações entre pares surdos para a construção de pertencimento e para o fortalecimento da identidade. A convivência cotidiana possibilita trocas linguísticas, apoio mútuo e o reconhecimento da surdez como diferença compartilhada, e não como elemento de isolamento. Nesse sentido, o CAS contribui para experiências que ultrapassam o ensino de conteúdos, envolvendo processos de socialização e construção cultural.

Ao analisar o CAS como espaço educativo não escolar, o estudo amplia a compreensão sobre os lugares de aprendizagem da infância surda. Os resultados apontam que esses espaços podem complementar, e em alguns casos suprir, lacunas existentes em outros contextos educacionais, especialmente no que se refere ao acesso à Libras e à convivência entre crianças surdas.

Por fim, este artigo reafirma a necessidade de ampliar pesquisas que abordem a infância surda a partir das experiências concretas das crianças, considerando seus modos de participação e suas formas de interação. Ao dar visibilidade às práticas vividas no CAS, o estudo contribui para o fortalecimento de perspectivas que reconhecem as crianças surdas como sujeitos sociais e linguísticos, cujas experiências devem ocupar lugar central nas discussões sobre educação bilíngue e políticas educacionais inclusivas.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 30. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FRIEDMANN, A. **A Vez e a Voz das Crianças**: escutas antropológicas e poéticas das infâncias. São Paulo: Panda Books, 2020.

GOLDFELD, M. **A Criança Surda**: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista. São Paulo: Plexus, 2002.

LODI, A. C. B. Educação bilíngue para surdos e inclusão segundo a Política Nacional de Educação Especial e o Decreto nº 5.626/05. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 49-63, 2013.

QUADROS, R. M. de. **Libras**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. **Língua de Sinais Brasileira:** estudos linguísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SARMENTO, M. J. Gerações e Alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, maio/ago. 2005.

SKLIAR, C. **A Surdez**: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SKLIAR, C. **Educação & Exclusão**: abordagens socioantropológicas em educação especial. Porto Alegre: Mediação, 2013.

STROBEL, K. **As Imagens do Outro Sobre a Cultura Surda**. Petrópolis: Arara Azul, 2009.

https://doi.org/10.20395/revesp.2026.65.1.221-230
Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons